

**O HUMOR NA LEITURA DA CHARGE: A DENGUE NAS  
“CHARGES QUE MARCARAM ÉPOCA” D’O PASQUIM 21**

**THE HUMOR WHEN READING THE POLITICAL CARTOON:  
YELLOW FEVER IN THE “POLITICAL CARTOONS THAT  
MADE HISTORY” IN ‘O PASQUIM 21’**

**Leonardo Pogleia Vidal<sup>1</sup>**

leo.p.vidal@gmail.com

**Eduardo Ferreira Veras<sup>2</sup>**

efveras@unisinós.br

**Resumo:** Este artigo teve origem no trabalho de conclusão *O Humor na Leitura da Charge* (VIDAL, 2009), e objetiva analisar a validade da incorporação do estudo das características do estímulo humorístico à leitura da charge. Para tanto, busca-se, em diversos autores, definição apropriada e características gerais do gênero textual. Feito isso, procede-se a uma análise dessas características (humor, hibridismo de linguagem, opinião e temporalidade) nos textos selecionados. Os textos foram escolhidos com base em uma seleção temática realizada pelo jornal *O Pasquim 21*, nº 44, representativa dos anos de 2002/2003. O tema das charges deste artigo é a “Dengue no Rio”.

**Palavras-chave:** Leitura da charge. Dengue no Rio. Humor. Pasquim 21.

**Abstract:** This study began with the study *Humor When Reading the Political Cartoon* (see bibliographical references) and aims to examine the validity of incorporating the study of the characteristics of humorous stimuli in reading the political cartoon. It confronts the definitions of several authors concerning definition and characteristics of the text, and identifies these characteristics (humor, hybridism of language, mind and temporality) in the selected cartoons. The texts were chosen between a thematic selection of texts conducted by the newspaper *O Pasquim 21*, issue 44, considered representative of the years 2002/2003. The subject of the cartoons in this study is the “Yellow Fever in Rio de Janeiro”.

**Key words:** Reading the political cartoon. Humor. Yellow fever in Rio. Pasquim 21.

A charge tem sido analisada pela Linguística e pela Teoria da Comunicação enquanto texto opinativo e enquanto linguagem híbrida (iconográfica) em seu conteúdo e forma. O

---

<sup>1</sup> Formado em Jornalismo e Letras/Inglês pela UNISINOS. Mestrando em Literaturas de Língua Inglesa pela UFRGS.

<sup>2</sup> Doutor em Artes Visuais, com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte pela UFRGS. Pós-doutorando em Artes Visuais pela mesma instituição.

campo da Psicologia, olhando para o humor, vê o objeto de forma diversa: interessa-se pelo riso, efeito do humor, e de que forma ele é criado. Para tanto, também presta atenção ao conteúdo do texto humorístico, mas o vê como secundário. Há, então, três pontos de vista, teorias baseadas em fontes diversas, olhando para o mesmo objeto de estudo por perspectivas diferentes e chegando a conclusões também diferentes, embora não inconciliáveis. O objetivo deste trabalho é realizar uma leitura do objeto, incorporando tanto os temas da linguagem e da opinião quanto o tema do humor: ler uma charge é distinguir não apenas qual a opinião emitida no texto, mas também onde está a graça do texto; por que há humor.

Para a análise proposta, foram escolhidas algumas das charges na edição nº 44 do jornal *O Pasquim 21* como sendo representativas dos anos de 2002/2003. Trata-se aqui das páginas 12 e 13 da referida edição, que se propõe a ser “uma rápida seleção dos cartuns que marcaram época”. São 60 textos, entre cartuns e caricaturas, reunidos por tema e selecionados como sendo representativos dos anos de 2002/2003.

*O Pasquim 21* foi fruto da terceira tentativa do humorista e escritor Ziraldo Alves Pinto (juntamente com seu irmão Zélio Alves Pinto) de emplacar um jornal de humor no País, o qual repetisse o sucesso do extinto *O Pasquim*, tablóide que circulou entre 1968 e 1982. *O Pasquim* tornou-se um ícone na resistência contra a ditadura militar e um dos jornais mais influentes, deixando de circular com a abertura do regime. O jornal circulou entre 2002 e 2004. Durou dois anos e seis meses e fechou com um saldo de 117 edições. Ele tinha tamanho standart, era todo colorido por dentro e referido como uma “Revista Semanal”. O contexto político da atuação do periódico foi de março de 2002, época da eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, e os dois primeiros anos de seu governo (ALMEIDA, 2006).

Uma das características mais marcantes do periódico era o grande número de colaboradores: embora o staff oficial fosse de apenas 18 profissionais, agregados ao jornal havia mais de 300 nomes. O número 44 do periódico publicou, em suas páginas 12 e 13, uma seleção de cartuns e charges anunciados como sendo os “cartuns que marcaram época” em 2002/2003, e abarcava o período da Copa e a campanha presidencial, bem como os primeiros tempos do governo Lula. Por ser uma seleção realizada pelos próprios jornalistas, ela constituiu uma fonte natural para a escolha do objeto de estudo deste trabalho. Por razões de tempo e espaço, reduziu-se o estudo a apenas um assunto apresentado: a epidemia de dengue no Rio, em 2002.

Mediante a comparação de conceitos de autores diversos, como Joaquim da Fonseca (1999), Onici Flôres (2000), Edson Carlos Romualdo (2000), Inês Olinda Baraldi Vedovatto (2000) e Maria Inês Ghilardi (1995/96), buscou-se isolar, por meio da definição, as principais características do gênero textual, para depois analisá-las em separado, uma a uma, em revisão bibliográfica, buscando verificar as teorias existentes e a maneira como se relacionam. As características encontradas referem-se às suas qualidades como *estímulo humorístico*, às particularidades de sua *linguagem híbrida*, ao *caráter opinativo* do texto chágico e, finalmente, à *relação da charge com seu contexto* de enunciação. O estudo dessas características e a análise dos textos de *O Pasquim 21* deverão também, por conseguinte, servir como teste da definição proposta, além de testar se a análise do humor no texto chágico pode acrescer à leitura.

Na análise do humor, levam-se em consideração as características do estímulo humorístico em geral, conforme proposto por Freud em seus dois escritos sobre o tema, *O Humor e O chiste e sua relação com o inconsciente*<sup>3</sup> (FREUD, [19--]) e, conforme desenvolvido por outros autores, como Koestler (1969), que vê o humor associado ao alívio da tensão emocional, defendendo que “a emoção, abandonada pelo pensamento descarrega-se no riso” (1981, p. 133), e os “*Bernards*”, Jablonski e Rangé (1984). Embora haja centenas de estudos voltados ao humor, boa parte deles refere-se a teorias dirigidas para outros campos do conhecimento, como Ciências da Saúde, nos efeitos do humor na recuperação de pacientes e outros temas afins, ou então a classificações dos tipos de humor ou do riso. Não é interessante, para este trabalho, delimitar o tipo de riso que cada texto busca incitar, mas sim a forma como o humor age para estimular este riso, por meio de sua lógica e de seus efeitos no leitor.

O ponto de convergência entre as várias teorias sobre o humor parece ser, conforme a revisão bibliográfica realizada e de acordo com a teoria de Koestler (1969), a expiação da tensão relacionada ao fato comentado pelo texto humorístico, que implica uma redução do tema a um tamanho manejável, mediante a exposição de suas falhas ou do tratamento ridículo.

A linguagem da charge, iconográfica e com elementos de caricatura e cartunização, é desenvolvida e analisada por meio da produção de autores, como Scott McCloud (1995) e Will Eisner (2005), profissionais dos quadrinhos a se aventurarem no campo teórico e amplamente conhecidos por seus trabalhos sobre a linguagem deste meio, assim como da

---

<sup>3</sup> In: Obras Completas de Sigmund Freud, ed. Delta S.A., vol. 5 e 6.

revisão de teóricos como Romualdo (2000), que trouxe a visão de texto em sentido *lato*, englobando “toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano [...], isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos” (ROMUALDO, 2000). Os diferentes elementos icônicos e verbais da charge são classificados de acordo com Cagnin (1975), segundo as análises realizadas por Vedovatto (2000) e Romualdo (2000).

A noção de que a charge é um texto opinativo por natureza, parece ser unanimidade entre os autores, estando mesmo na origem etimológica da palavra. Condizente com a revisão bibliográfica apresentada, que se preocupou em encontrar consistência para as qualidades do texto defendidas por autores diversos, a análise a ser realizada objetiva identificar na charge a opinião, o fato ou situação referidos, e buscar compreender o processo emocional de leitura que torna o texto um estímulo humorístico, e não apenas uma peça opinativa em geral.

Para tanto, parte-se da definição da charge como “texto humorístico iconográfico que usa dos recursos do cartum e da caricatura para comentar opinativamente determinado acontecimento, pessoa, fato ou situação” (VIDAL, 2009, p. 112). O conceito é derivado dos pontos comuns a várias definições do gênero textual, e o processo por que se chegou a ele pode ser lido em maiores detalhes no trabalho que deu origem a este artigo (VIDAL, 2009).

O humor, na charge, pode ser lido por meio de seus efeitos de sentido: o que o narrador apresenta, o que quer dizer realmente e como isso leva o leitor ao riso. Nota-se aqui uma aproximação quase indissociável do humor com a opinião, o que não é mais do que coerente com os conceitos anteriormente citados: o humor é um ataque, é uma opinião que utiliza de recursos lógicos e/ou linguísticos para atacar seu objeto, expondo suas falhas e modificando o ponto de vista do leitor, que passa a percebê-lo (o objeto) de forma diversa, de modo a tornar redundante a tensão que envolvia o tema: rir é, em certa medida, opinar.

O processo de compreensão do humor na charge é, portanto, o mesmo processo de compreensão da opinião contida na charge, e se dá mediante a leitura do texto e de sua contextualização com a realidade: uma vez que a charge comenta um fato, analisa-se o fato em comparação com a charge. Assim se pode conhecer a opinião do narrador, como está explicitada e de que forma reduz o tema tratado, lembrando que esse é um dos componentes-chave dos estímulos humorísticos.

Este artigo também propõe uma leitura diversa da realizada por Eisner (2005) e McCloud (1995) sobre a forma do cartum, em oposição ao que Fonseca (1999) considera caricatura: os primeiros atribuem ao cartum uma simplificação com elementos reconhecíveis,

quase a constituir uma “gramática” visual, que é internalizada no leitor pela experiência com a leitura de textos semelhantes e pela observação cotidiana, enquanto o segundo delimita a caricatura pelo exagero que usa na reconstituição das características visuais da personagem caricaturada.

De acordo com esses autores, o caricaturado tem elementos exagerados, a se sobressaírem e a se diferenciarem do traço geral do autor (que pode ou não ser familiar ao leitor, mas cujo nível de exagero pode ser perceptível), cujo estilo pode ser compreendido pelo nível de detalhamento e de exagero nos traços e proporções, enquanto o cartum, o estereótipo, deve apresentar traços uniformes, sem se distanciar do traço, ou apresentar características que se evidenciem como dissonantes. O caminho do cartum é o da simplificação; o da caricatura, o exagero.

De resto, Mc Cloud alerta, em seu livro *Desvendando os quadrinhos*, que todo o potencial de recursos do cinema, da pintura e da palavra escrita pode ser utilizado nos quadrinhos por intermédio dos recursos gráficos (MC CLOUD, 1995, p. 212), e as formas de seu uso evoluem diariamente. Nem sempre uma leitura apropriada é a que se fixa nos moldes estabelecidos, uma vez que os chargistas não estão restritos por amarras teóricas, e a linguagem da charge, como toda linguagem, é plástica e flexível.

A leitura proposta se dá por meio da elaboração de um comentário a respeito do texto chágico, que contenha:

1. descrição da charge, abarcando seus elementos identificáveis, bem como quaisquer outros que, pela coerência do texto, pareçam destacar-se;
2. contextualização, buscando, mediante pesquisa, o fato, evento ou situação a que a charge remete;
3. com base na comparação entre ambas as situações, identificação do discurso do chargista, do que ele está querendo dizer, da opinião mostrada e de “onde está a piada”, ou seja, identificação do ataque que expõe a contradição ou a quebra da estrutura lógica, que tornam a charge engraçada.

Satisfeitas essas premissas, se considera a leitura da charge como realizada com sucesso. As charges a seguir são as que tratam da epidemia de dengue que atingiu o Rio de Janeiro em 2002, quando o Estado concentrou a maioria dos casos de dengue do País, abrigando cerca de 34% das notificações, 79,6% dos casos de dengue hemorrágica e 65% dos óbitos (dados até outubro de 2002).

Para combater a epidemia da doença no Rio, a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) criou uma força-tarefa composta por mil agentes sanitários de saúde de todo o País, que começaram a agir a partir de fevereiro de 2002. Além dessas providências, o Ministério da Saúde solicitou às Forças Armadas ajuda para conter a crise. Marinha e Exército destacaram 1,3 mil homens para treinamento pela FUNASA, objetivando a ampliação da cobertura dos focos da doença. O treinamento desses homens foi concluído a 5 de março.

A 9 de março do mesmo ano, promoveu-se o chamado dia D, uma mobilização nacional de combate à dengue, que contou com a participação de 745 mil pessoas, de acordo com estimativa do Ministério da Saúde, em 89 dos 92 municípios do Estado do Rio de Janeiro, com a intenção de eliminar os focos do mosquito *Aedes Aegypti*. De acordo com estimativa da FUNASA, as ações contra a dengue realizadas no dia D envolveram 14,6 milhões de pessoas, incluindo a vistoria de 4,2 milhões de domicílios. Após a campanha no Rio, o Ministério da Saúde realizou outros dias D nos estados de São Paulo, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso do Sul e Alagoas.

A 24 de julho do mesmo ano, foi lançado o Programa Nacional de Controle da Dengue (PNCD), que buscava uma operação em conjunto com as secretarias estaduais e municipais de saúde, investindo mais de R\$ 1 bilhão na prevenção da doença. O plano incluiu a realização de um dia D nacional, que ocorreu a 23 de novembro, mobilizando boa parte da nação. As charges que seguem foram produzidas nesse contexto e têm a dengue como principal tema.

Charge 01

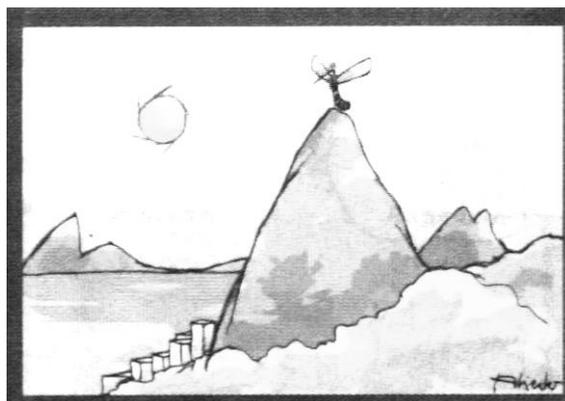


Fig. 1 – A dengue no Rio, charge 01

Fig. 1 – Yellow fever in Rio, cartoon 01

A charge mostra um cenário com montes e água, sol brilhando, prédios e um mosquito cartunizado de asas abertas, a distância, dominando a paisagem. Não há discurso verbal, excetuando-se a assinatura do chargista, embaixo, à direita. O mosquito parece gigantesco em comparação com os prédios, que são mostrados como retângulos brancos em perspectiva, criando no leitor a sensação de profundidade e distância da imagem mostrada na charge. A apresentação de uma figura com braços (ou asas) abertos, dominando uma cidade ensolarada próxima do mar, traz a referência à imagem da cidade do Rio de Janeiro, com o Cristo Redentor no Morro do Corcovado. A figura do mosquito também pode ser associada a outra das características que, tristemente, se tornaram uma das facetas da cidade: a dengue.

Não é difícil pesquisar uma referência de contextualização para o texto: a própria Internet traz a versão *online* de artigo tirado da Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 37, de julho/agosto de 2004, intitulado *A epidemia de dengue/dengue hemorrágico no município do Rio de Janeiro, 2001/2002* (portanto dentro do período pertinente a esta pesquisa), em que os autores sustentam que “O município do Rio de Janeiro vem sofrendo sucessivas epidemias de dengue desde 1986, predominantemente no período de verão. Em 2001/2002 ocorreu a maior e mais grave delas”. (CASALI et al., p. 299).

A classificação da epidemia do período como a pior deriva de fatores como elevado número de óbitos e alta incidência de dengue hemorrágica. A lógica do narrador é impecável: ao trocar por um mosquito da dengue o símbolo do Rio de Janeiro, sugere que, agora, quem domina a paisagem da cidade é o mosquito; o Cristo Redentor foi destronado de seu papel de símbolo da cidade, dando lugar a outra referência mais mórbida, que é aquela pela qual a cidade passou a ser conhecida e comentada. A subversão é semelhante à carnavalização bakhtiana, conforme apresentada por Romualdo (2000), em que há a “coroação bufa”, seguida do consequente e necessário destronamento. O Cristo é substituído pelo mosquito; o símbolo do Rio se torna diverso, e o Rio, de repente, deixa de ser a Cidade Maravilhosa e se torna a Capital da Dengue.

A denúncia presente no texto é a denúncia da situação, da imagem distorcida da cidade, que sofre profundos problemas em meio a uma epidemia, e é semelhante, num sentido social, à denúncia de políticos, sugerida por Romualdo, em que, “Pela paródia das ações políticas, pela caricatura, pelo ridículo e pelo próprio riso, o texto chágico destrona os poderosos e apresenta outras perspectivas para a leitura de suas ações”. (ROMUALDO, 2000, p. 53).

A diferença consiste em ser uma visão do Rio a ser destronada, não “os poderosos”. Embora se possa argumentar que o conceito de carnavalização bakhtiano se aplique também aos discursos, uma vez que o discurso destronado é o do Rio como cidade paradisíaca, nada mais apropriado, aliás, que a carnavalização em um comentário opinativo sobre o Rio de Janeiro. Afinal, além de ser a Cidade Maravilhosa, o Rio tem estreita ligação com o Carnaval.

Ao mesmo tempo, a inversão de papéis é humorística, uma vez que subverte a expectativa do leitor, substituindo por um mosquito caricato o Cristo Redentor e levando-o (o leitor, não o Cristo) a perceber a situação da epidemia de outra maneira: algo engraçado, o que torna desnecessária a tensão emocional de lidar com uma epidemia, que nada tem de risível. É a súbita percepção da tensão emocional (um mecanismo natural de defesa) como redundante que possibilita o riso. A ligação do texto analisado com a epidemia de 2001/2002 é suficiente para classificá-lo como uma charge, segundo a definição proposta, uma vez que comenta opinativamente um fato. No entanto a pergunta surge naturalmente: poderia o texto também estar ligado a outra das epidemias de dengue citadas, a ocorrerem no Rio desde 1986? E a ligação se dá necessariamente com o Rio de Janeiro, uma vez que há apenas uma alusão à imagem da cidade? A resposta para a última pergunta: sim. O fato de haver a subversão da imagem do Cristo Redentor é determinante para a “piada”, é o que torna (como visto) o texto humorístico. Portanto a própria leitura do texto como uma peça de humor informa o leitor de que deve haver uma lógica deturpada, uma analogia escondida nas entrelinhas, mesmo que, a princípio, não associe a imagem ao Rio de Janeiro. É uma das qualidades do humor a subversão dos sentidos comumente aceitos, para que uma realidade diferente possa emergir na mente do leitor.

De acordo com Koestler, o próprio ato de pensar criativamente está relacionado à combinação de duas matrizes cognitivas não relacionadas, até que uma nova matriz surja e que contenha ambas as anteriores, e uma relação seja estabelecida (KOESTLER, 1969, p. 219). No humor, no entanto, contextos lógicos incongruentes são escolhidos, quando “o humorista [...] escolhe deliberadamente códigos de conduta ou universos de explanação discordantes, a fim de expor suas incongruências ocultas no embate resultante” (KOESTLER, 1969, p. 222).

Portanto, sabedor de que há um significado escondido no texto, aparentemente uma paisagem comum, o leitor pode buscar associações até chegar à conclusão de que o texto deve referir-se ao Rio de Janeiro, para então poder ver a “piada”, a substituição do Cristo pelo

Mosquito. A ligação da charge com seu contexto de origem, no entanto, trata-se de um tema mais delicado. Propõe que, estando a charge ligada a determinado fato ou acontecimento, ambos – chargista e leitor – devem estar “sintonizados” e conhecer o tema de que trata a charge (GHILARDI, 1995/1996, p. 91-92). No entanto, embora autores como Romualdo (2000, p. 196) e Vitorino (2007, p. 08) considerem que a crítica e o humor na charge são rapidamente desgastados, no presente caso, em que há uma situação cíclica com epidemias anteriores bem registradas, o mesmo não se dá.

A leitura do texto pode ser realizada, associando-o com qualquer dos surtos epidêmicos. A única ligação do texto chárstico com o fato que o define como tal parece ser sua inserção como um dos textos do gênero (charge e cartum) a “marcarem época” em 2002/2003, na seleção analisada.

Charge 02

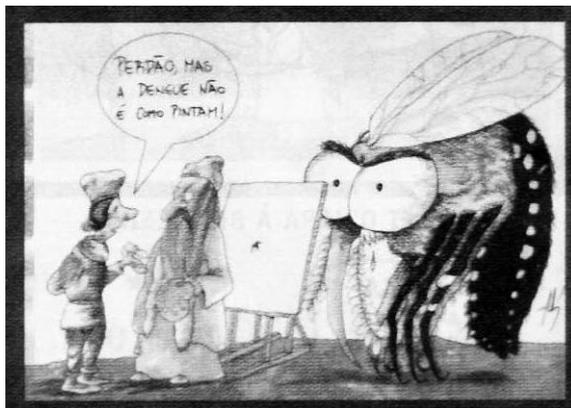


Fig. 2 – A dengue no Rio, charge 02

Fig. 2 – Yellow fever in Rio, cartoon 02

O texto mostra duas figuras diante de uma tela em um cavalete, armada para pintura. As duas figuras estão vestidas com roupas de época, aparentemente do período da Renascença na Europa. Uma das figuras segura uma paleta e um pincel (o mais velho, de barba, reforçando a imagem renascentista do “mestre artesão” e pintor, especialmente pelo estilo das vestimentas, que evoca a imagem de Leonardo da Vinci, embora isso não esteja explícito em suas feições). Na tela branca, uma pequena mancha sugere a imagem de um mosquito, enquanto, junto à mesma tela, em local comumente ocupado pelo modelo da pintura a ser executada, há um mosquito enorme cartunizado (em comparação às figuras humanas), de traços ameaçadores, reconhecível como mosquito por antenas peludas características, ferrão, asas e pelo número de patas, além das seções em que o torso se divide.

A personagem à esquerda está enunciando, por meio do balão, a frase “Perdão, mas a dengue não é como pintam”. A fala é dirigida à personagem de barba (o mestre artesão), pois a figura que a enuncia está voltada para ele (de perfil e com a figura do velho diretamente à sua frente). Evidentemente a frase é uma crítica à pintura feita com o mosquito enorme como modelo, pois é recebida com uma expressão aborrecida. Embaixo, à direita, há também a assinatura do chargista.

A charge apresenta um singular problema: ao se analisar o conteúdo da charge sem dar importância aos materiais utilizados, ou mesmo ao fato de ter sido produzida para uma publicação moderna, poder-se-ia supor, pela retórica visual dos personagens apresentados, que se trata de uma charge criada para referir uma epidemia de dengue ocorrida por volta da Renascença. O que seria mais ou menos como supor que Pero Vaz de Caminha tenha usado uma esferográfica, uma vez que o primeiro relato conhecido da doença no Brasil data de 1916, segundo site oficial do Ministério da Saúde (acesso em abril de 2009). Constando ela como uma charge produzida para representar os anos de 2002/2003, pode-se concluir que se refere à epidemia de dengue no País – sem haver citação específica ao Rio de Janeiro, embora esse tenha sido o Estado com mais ocorrências e óbitos relacionados à doença. Uma vez mais, o fato de o periódico situar o texto como sendo representativo de um período é definitivo para a compreensão do texto como tal, já que poderia aplicar-se a qualquer epidemia ou surto de dengue, e até mesmo como aviso preventivo, sem que casos da doença fossem necessários para sua compreensão.

O aparente paradoxo da vestimenta dos personagens encontra sua explicação ao se pensar o enunciado do “crítico” da pintura, que comenta que “a dengue não é como a pintam”. Há uma expressão de cunho popular que dita que “o diabo não é tão feio como o pintam”. Significa que há um juízo exagerado em relação a certa pessoa ou situação, quando a realidade não condiz com essa interpretação. O uso de expressões populares de conhecimento geral, nas charges, deve-se à necessidade implícita à forma textual, em que o chargista dispõe de um espaço limitado para tratar do tema comentado, necessitando situar o leitor e colocá-lo em posição de compreender o texto e relacioná-lo ao contexto. Romualdo, na conclusão de *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*, pondera que, na charge,

O humor surge do traço, do gag, da contraposição entre os códigos verbal e visual. No entanto, o trabalho com os elementos verbais e visuais traz, muitas vezes, implícitos e pressupostos, que são recuperados pelo leitor. Assim, uma charge de

um único quadro pode estar muito mais “carregada de informações” do que as compostas por mais de um. (ROMUALDO, 2000, p. 194).

O personagem se encontra vestido como um pintor renascentista, porque essa imagem, na opinião do chargista, é de cunho popular, e o personagem desenhado dessa forma é identificável pelo leitor como sendo um pintor. Em seu livro *Narrativas gráficas* (2005), Eisner trata do tema do estereótipo nos seguintes termos:

A arte dos quadrinhos lida com reproduções facilmente reconhecíveis da conduta humana. Seus desenhos são o reflexo do espelho, e dependem de experiências armazenadas na memória do leitor para que ele consiga visualizar ou processar rapidamente uma idéia. Isso torna necessária a simplificação de imagens transformando-as em símbolos que se repetem. (EISNER, 2005, p. 21).

Usar um estereótipo na charge, portanto, é um recurso semelhante ao de fazer uma personagem enunciar um ditado ou expressão que pertença, parodie ou remeta à cultura popular: primeiro, coloca o leitor em terreno familiar, depois empresta novos sentidos à leitura do texto. Não é estranho que o personagem se vista como um pintor renascentista, uma vez que o vestuário remete à retórica visual de pintores famosos e conhecidos, como Rafael Sanzio, Michelangelo e o popular Leonardo da Vinci.



Fig. 3 – Leonardo da Vinci

Fig. 3 – Leonardo da Vinci

O que o narrador sugere é que a imagem apresentada da dengue (representada pela pintura feita na tela, pequena a ponto de ser indiscernível) não corresponde à realidade, muito maior e mais ameaçadora (o mosquito monstruoso à direita). O esforço do pintor em diminuir

o modelo em sua representação é ridículo, porque exagerado em sua desproporção. Assim, por associação, o narrador sugere que as declarações oficiais e a dimensão que a epidemia ocupa na mídia são tão ridículas quanto a comparação entre os dois mosquitos – o da pintura, quase invisível, e o modelo, que domina a cena inteira. O tratamento humorístico do tema (a desproporção entre a realidade e a realidade apresentada pela mídia) torna aparentes suas contradições, mostrando seu lado ridículo ao leitor e, assim, provocando o efeito humorístico.

Charge 03

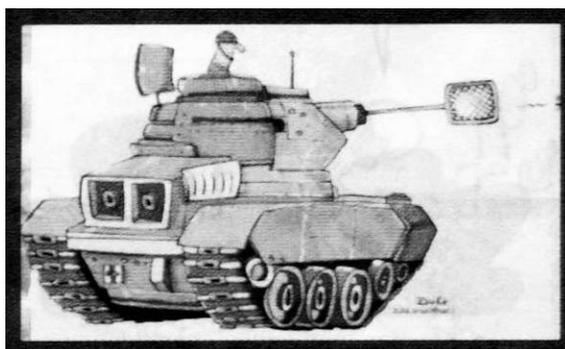


Fig. 4 – A dengue no Rio, charge 03

Fig. 4 – Yellow fever in Rio, cartoon 03

A charge mostra o desenho de um tanque de guerra, dirigido por um soldado, com um mata-moscas no lugar que, em um tanque normal, seria ocupado por um canhão. Não há texto além da assinatura do chargista. À direita, escapando do quadro, vê-se uma linha de movimento oscilante e um inseto escapando do mata-moscas. À primeira vista, a imagem parece carecer de sentido. Porém, de acordo com Flôres, as metáforas podem ser compreendidas como valores substitutivos, sendo que, para a compreensão da metáfora, basta encontrar o termo correspondente ao substituído (FLÔRES, 2002, p. 21). A imagem, aparentemente sem sentido à primeira vista, trata-se de uma metáfora visual, em que o tanque simboliza o Exército como um todo, e o mata-moscas no lugar do canhão é um indício do propósito dessa movimentação. A assunção lógica é a de que o Exército está movimentando-se para lidar com uma epidemia (uma de suas funções subsidiárias, segundo site do Exército Brasileiro).

Com base nessas considerações (e – mais uma vez – não apenas no texto chárstico), pode-se inferir que o fato comentado pela charge é a movimentação do Exército contra a epidemia da dengue, uma vez que a epidemia foi a pior da história do Rio, como

anteriormente visto, e se deu à época abarcada pelas charges e cartuns publicados. Realizando-se uma pesquisa que abrangesse o período em questão, o resultado provável encontrado sugere que o texto deva, provavelmente, referir-se à inclusão do Exército na luta contra a dengue no início de março de 2002, com um contingente de 1,3 mil soldados, ou a notícias sobre o fato que possam tê-lo antecedido.

A charge joga com significados: a “adaptação” do tanque, de arma de guerra para simples mata-moscas, simboliza o uso do Exército em algo tão prosaico como matar mosquitos; ao mesmo tempo, ridiculariza a instituição e torna a luta contra a dengue uma comédia de proporções homéricas no imaginário do leitor, uma luta em que soldados armados utilizam seu equipamento de guerra contra reles mosquitos. Mais uma vez, é a quebra entre a realidade e a ridicularização desta realidade que vai fazer com que o leitor perceba o assunto tratado como risível, diminua a importância da situação a um tamanho manejável, de acordo com a teoria de Freud (FREUD, p. 194). O prazer resultante da percepção viria de uma “economia de sentimento”, e conduziria ao riso, descrito por Koestler como um “reflexo de luxo” que tem a finalidade de aliviar a tensão “provocada por atividades importantes” (KOESTLER, 1981, p. 124). Ou, no caso, temas importantes.

Charge 04



Fig. 5 – A dengue no Rio, charge 04

Fig. 5 – Yellow fever in Rio, cartoon 04

Na charge acima, há um tratamento diferente dado ao mesmo tema da charge anterior: o Exército *versus* o mosquito, sendo que a primeira característica a destacar é o título da

charge, enunciado pelo narrador para contextualização do leitor. De acordo com a leitura do texto chárigo proposta por Vedovatto (2000, p. 20), o verbal, nas charges, aparece integrado à ação, com a função de “ministrar alguma informação aos personagens da narração e ao leitor”, complementando o enunciado pictórico no texto. Já Flôres (2002) observa uma hierarquia entre o discurso icônico do narrador e o verbal das personagens, em que o verbal é introduzido no icônico visando à complementação, à ilustração e ao comentário. Para a autora, “ao narrador cabe estabelecer vínculos entre texto e contexto”, chegando a pensar a charge como sendo “totalmente dependente da publicação da matéria” (FLÔRES, 2002, p. 14).

O enunciado é, portanto, ponto de contextualização, um esforço narrativo buscando fazer com que o leitor vincule o contexto ao texto, tornando-o passível de compreensão. E, portanto, fundamental para a leitura. No caso específico da charge aqui analisada, o enunciado “... e o Exército entra na guerra contra a dengue”, começa por reticências, sugerindo que há algo anterior à frase, que o tema é decorrente do desenvolvimento de um estado de coisas anterior ao fato comentado na charge. Dessa maneira, não há necessidade de pesquisa contextual mais aprofundada: o chargista cuidou disso pelo leitor. A charge refere-se à entrada do Exército na luta contra a dengue, no início de março de 2002 (novamente, uma assunção feita com base no período referido pelo periódico). Ao mesmo tempo, as reticências dão ao evento um caráter antiépico, trazendo à mente o título do filme *...E o Vento Levou*. Com essa base, há o tratamento ridículo da batalha do Exército contra o mosquito como um épico, algo grandioso, mas apenas para acentuar o ridículo da disparidade entre os dois contendores.

Vemos na charge um mosquito cercado por armas e soldados (reconhecíveis pelo uniforme padrão e pelos capacetes, quase uma retórica visual universal) apontando rifles e canhões, adotando uma composição cuidadosa, em que todas as linhas (leia-se “canos das armas”) dirigem a atenção do leitor para o alvo, que é o próprio mosquito cartunizado, raquítico, que voa enquanto olha para os soldados, desafiador, e enuncia, em um balão de fala: “Que foi, meu? Vai encará!!!”. O discurso do mosquito imita o discurso falado, em que “encarar” se torna “encará”, e o “meu” funciona como um substituto para o interlocutor. É na linguagem informal que a maioria das situações semelhantes podem ser encontradas. Dificilmente uma pessoa usaria a formalidade da linguagem escrita (oralmente) para enunciar um desafio comum sem parecer um Cyrano de Bergerac deslocado do poema. O que a fala do

mosquito (a fala da rua) faz é enfatizar que a “batalha” ocorre nas ruas do Rio, que toma lugar na realidade, não apenas nas páginas de jornais ou em noticiários.

O tratamento dado tanto ao tema da charge em questão quanto ao da charge anterior é semelhante. O narrador joga com a enorme disparidade entre o maquinário de guerra (comumente usado pelo Exército) e o “oponente” em questão, para ridicularizar o combate, diminuindo-o até um tamanho manejável e fazendo com que o alívio da tensão causada no leitor pelo tema original seja percebido como prazer humorístico. Ao mesmo tempo, o desafio expresso pelo mosquito pode levar o leitor a entender uma bravata, o que acentuaria o patético da situação, ou um comentário sobre o resultado do embate não ser tão certo como o desenho sugere. Qualquer que seja a interpretação, porém, há a piada. A enorme desproporção entre os contendores caracteriza o uso humorístico da situação, satirizando o embate.

Koestler (1981) refere situação semelhante em *Jano*, salientando que a sátira é a apresentação de uma imagem deliberadamente distorcida do tema tratado, em que recursos comumente usados na caricatura, como o exagero e a simplificação, são dispostos de forma a salientar as contradições e expor seu objeto ao ridículo. De acordo com o autor,

O resultado é uma justaposição, na mente do leitor, de sua imagem habitual do mundo em que vive e o absurdo reflexo desse mundo no espelho deformante do satirista. O leitor é assim levado a reconhecer os detalhes familiares no absurdo e a absurdidade no familiar. Sem essa dupla visão, a sátira não teria humor. (KOESTLER, 1981, p. 136).

Assim, a desproporção proposital ressaltada pelo chargista leva o leitor a perceber a cena real de forma distinta (bem como a reconhecer o real na caricatura, e esse reconhecimento do contexto é que o levará a realizar uma leitura apropriada da charge, podendo compreender de que forma a realidade é comentada). O processo descrito por Koestler (1981) é semelhante à leitura metafórica proposta por Flôres (2002), em que a razão de a metáfora ser uma ferramenta comum de humoristas reside no papel heurístico da metáfora, que desencadeia mudanças conceituais, sugerindo novas possibilidades para a percepção do mundo (FLÔRES, 2002, p. 22). Para a autora, entre o conceito de origem da metáfora e o conceito de chegada (ao ser possível entender uma coisa em termos de outra) há um conceito intermediário, em que ambos coexistem (Idem).

## Considerações finais

As análises realizadas mostraram-se consistentes com os objetivos deste trabalho, de incorporar a investigação do humor à leitura da charge. Entende-se que, compreendendo as qualidades do estímulo humorístico como um todo, pode-se ter uma ideia mais ampla não apenas do conteúdo do texto, mas também, e principalmente, de como as características do humor influem no leitor; ou seja, uma vez que o humor se dá com a redução da tensão associada ao assunto tratado, daí derivando seu prazer humorístico, há também uma mudança na percepção do assunto, seja pelo fato de o leitor passar a compreendê-lo de forma diversa, devido a uma associação com outro tema, ou pelo ridículo a que o assunto foi exposto. Isso faz com que a charge se torne um discurso que “morde e dá um beijinho para sarar ao mesmo tempo”, jogando com a opinião (ou o ataque) enunciada e aliviando a tensão a ele relacionada.

Essas características da charge – como estímulo humorístico – se encontram alijadas da maioria dos estudos, mas poderiam mostrar-se valiosas na investigação da formação da opinião pelo discurso opinativo humorístico em geral e da charge em particular. É importante fazer menção ao fato de que esse aspecto do humor relacionado à formação da opinião – englobando, necessariamente, conceitos normalmente associados à psicologia – só poderia ser pensado tendo como base uma aproximação que considerasse as características de ambos os estímulos, semelhante à adotada na realização deste trabalho. Certos problemas só podem ser percebidos adotando-se o referencial teórico apropriado: como se uma teoria dissesse no ouvido esquerdo do pesquisador a frase “Há um tigre”, ao mesmo tempo em que outra dissesse no direito “atrás de você”, e a única maneira de o pesquisador compreender que precisa cuidar de assuntos urgentes em qualquer outro lugar fosse associar ambas em uma ordem de leitura que fizesse sentido.

## Referências

ALMEIDA, Adriana Aparecida de. *O PASQUIM e O Pasquim21*: práticas discursivas jornalísticas de resistência. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, 2006. Disponível no formato .PDF no endereço <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/zeus/auth.php?back=http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000404061&go=x&code=x&unit=x>>. Acesso em 20/12/2013.

CASALI, Clarice Guimarães et al. Disponível em : <[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/kid dengue2/epidemiologia/textos/Den\\_RJ\\_2002\\_Medronho.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/kid dengue2/epidemiologia/textos/Den_RJ_2002_Medronho.pdf)> Acesso em: 14 abr. 2009, p. 296-299.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. 3. ed. São Paulo: Devir, 2005.

FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: Editora da ULBRA, 2002.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura – a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FREUD, S. O chiste e sua relação com o inconsciente. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. v. IV, Rio de Janeiro: Delta, [19--].

FREUD, Sigmund. O humor. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. v. V, Rio de Janeiro: Delta, [19--].

GHILARDI, Maria Inês. O humor na charge jornalística. **Comunicarte** (Puccamp) Campinas: v.12, n. 20, 1995/1996, p. 87-93.

KOESTLER, Arthur. **Jano**. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

KOESTLER, Arthur. **O fantasma da máquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá: Editora Eduem, 2000.

VEDOVATTO, Inez Olinda Baraldi. **A charge na mídia impressa: articulação e efeitos de sentido**. São Leopoldo, 2000.

VIDAL, Leonardo Pogli. **O humor na leitura da charge**. São Leopoldo: UNISINOS, 2009. 115 p. Monografia. Comunicação Social – Jornalismo.

VITORINO, Glória Dias Soares Contextualização: fator determinante na constituição da crítica, da ironia e do humor em charges In: **16 Congresso de Leitura do Brasil - COLE**, 2007, Campinas. VII Seminário "Mídia, Educação e Leitura. Campinas : SM Edições, 2007. Documento digital em formato PDF disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss08\\_03.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss08_03.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2009.